

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Vai ter barulho

A bancada do agro não está nada satisfeita com a demora do governo em retomar o Cadastro Ambiental Rural (CAR). Lá se vai um ano que o cadastro saiu do Ministério da Agricultura para ser administrado pelas pastas de Gestão e de Meio Ambiente. As cobranças por agilidade vão voltar com força com a retomada dos trabalhos no Congresso.

É o que tem para hoje

A parcela expressiva da turma que irá ao ato de 25 de fevereiro apoiará Jair Bolsonaro por absoluta falta de opção. Muitos consideram que não há outro nome capaz de ajudar na conquista de votos Brasil afora. Guardadas as devidas proporções, a turma da direita vê em Bolsonaro o mesmo que o PT vê na imagem de Lula, um líder popular.

Diferenças

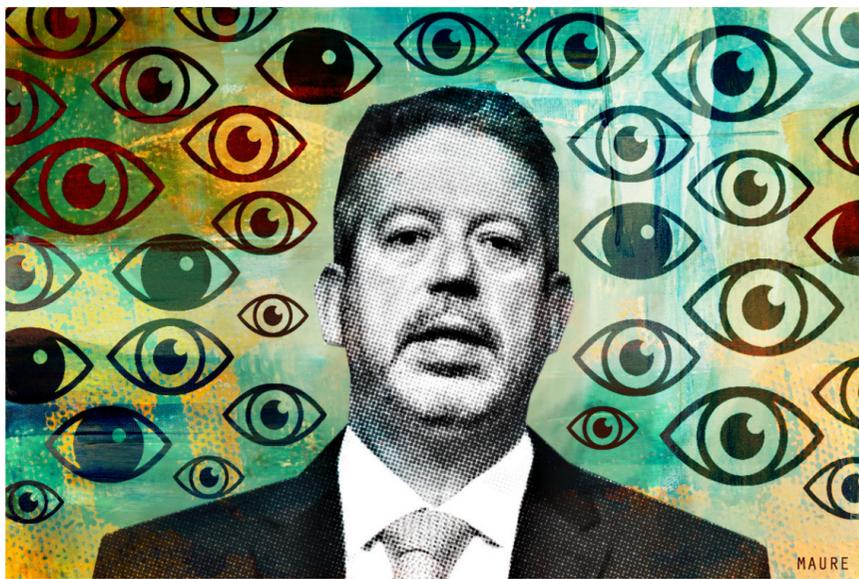
Lula, porém, jamais reuniu os seus no Planalto para buscar meios de permanecer no exercício da Presidência da República sem ser pela via do voto direto. Aliás, teve chances de tentar aprovar a possibilidade de um terceiro mandato e não topou.

Arthur Lira sob observação

Depois da conversa que o presidente da Câmara, Arthur Lira, teve com o presidente Lula, aliados do deputado colocam as barbas de molho. É que muitos não querem ver Lira arrear qualquer passo no discurso de independência da Casa, proferido na abertura dos trabalhos em 5 de fevereiro. Se a conversa com Lula tiver como consequência um Parlamento mais alinhado aos desejos do Planalto, que vire as costas para a oposição, Lira terá dificuldade de fazer o sucessor. Uma outra ala acredita que, se ao longo deste ano, Lira

terminar voltado apenas aos próprios interesses, deixando de lado os anseios do time como um todo, arriscará enfraquecer sua posição.

Muita gente no Centrão receia que os líderes estejam jogando para seus interesses pessoais, deixando a massa de congressistas do bloco a ver navios. Se for nessa toada, a turma de Lula conseguirá rachar esse segmento que, se jogar unido, levará a Câmara para onde for mais conveniente, seja governo, seja oposição.



CURTIDAS

Em campo/ O governador do Paraná, Ratinho Júnior, sai da toca e vai para cima do governo Lula no quesito segurança pública. Em vídeo nas redes sociais, ele comenta que a fuga dos presidiários, em Mossoró: “Fugiram ou teve gente que soltou? Ninguém escapa se não for ajudado por alguém de dentro. Isso tem que ser investigado e o Brasil tem que saber. O povo é até humilde, mas não é burro”, diz Ratinho.

Arthur Menescal/Esp.CB/D.A Press

Caiado e Michelle/ Pré-candidato ao Planalto pelo União Brasil, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (foto), começa a olhar, com todo o respeito, para a ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro. Ele tem dito a amigos — e repete isso nas entrevistas, como fez esta semana, a Mário Sérgio Conti — que Michelle seria uma boa vice. Caiado considera que ela se destaca nos programas sociais e nas questões relacionadas a doenças raras.



Por falar em Michelle.../ Se a ex-primeira-dama topar a empreitada, será menos uma candidata a disputar uma eleição majoritária no Distrito Federal, onde há um engarrafamento de potenciais candidatos na direita.

Judiciário em debate/ Professor de Direito Constitucional da USP, Conrado Hubner Mendes lança nesta quarta-feira, 19h, em Brasília seu mais novo livro *O discreto charme da magistratura: vícios e disfarces do Judiciário brasileiro*. A obra reúne 88 artigos, com comentários do autor sobre usos e abusos das cortes superiores, inclusive do Supremo Tribunal Federal. O lançamento, na livraria Circulares (CLN 113 Norte, bloco A), contará com um debate entre o escritor, o ministro do Superior Tribunal de Justiça Sebastião Reis Júnior e a jurista Déborah Duprat. A mediação está a cargo do jornalista Bruno Boghossian.

POLÍTICA EXTERNA

Retomada do protagonismo

Para especialistas, na primeira viagem internacional de 2024, Lula tenta recuperar liderança brasileira no continente africano

» INGRID SOARES

No começo da semana passada, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) deu a largada nas viagens internacionais de 2024, começando pela África. Especialistas ouvidos pelo **Correio** destacam que, com a viagem, o chefe do Executivo busca emplacar a liderança e retomar o protagonismo na região.

Na agenda principal, o petista defende uma frente mundial contra a fome. A União Africana, que reúne os 54 países da região, tornou-se membro permanente do G20 em 2023, com a ajuda do Brasil.

“O Brasil tinha uma presença relativa com o continente africano durante os governos petistas e isso foi perdido. Essa busca pelo espaço perdido é, sem dúvida, um dos principais aspectos no contexto internacional. Ele abarca os principais pontos da agenda africana e se coloca como um interlocutor perante alguns países desenvolvidos que estão, principalmente, no G20. Para os africanos também faz sentido ter o Brasil do lado para funcionar como interlocutor”, analisa Wagner Parente, consultor em relações internacionais e CEO da BMJ Consultores Associados.

Outra questão levantada por ele é que o presidente colocou como uma das prioridades legislativas deste ano o retorno da autorização legislativa para que o BNDES volte a financiar obras no exterior. “Tem dois lugares onde o Brasil basicamente financiava: África ou América Latina. Então existe, sim, uma intenção de voltar com uma presença mais forte, inclusive financiando investimentos no continente africano, fora a cooperação técnica e tecnológica que o Brasil já tem,

Ricardo Stuckert/PR



Lula durante reunião com o presidente do Egito, Abdel Fattah El-Sisi. Busca pelo espaço perdido no continente africano é prioridade

principalmente, em agricultura.”

Para a professora de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Mayra Goulart, o Brasil desponta como uma nação potencial dentro do sistema multilateral. “Aparece também como potencial líder dos países periféricos e o Brasil tenta assumir essa liderança falando em nome desses países, em defesa de um sistema multilateral mais igualitário em que as nações tenham maior representatividade e sejam ouvidas, participem das decisões desses fóruns multilaterais.”

A visita de Lula no continente africano alia o papel de liderança junto às nações africanas, mas também estreita laços com o continente que tem relações históricas profundas com o Brasil,

aponta. “É emblemática essa ser a primeira viagem do ano. Isso demonstra uma diretriz da diplomacia desse governo orientada para o sul. Orientada para conquistar esse lugar de prestígio enquanto liderança próxima.”

Ainda de acordo com a especialista, o elemento humanitário também dá tom à viagem. “Vimos a declaração do Lula no Egito quando ele se manifesta sobre a questão israelense deixando claro que Israel está procedendo uma reação desproporcional e pede esse baixa de punições coletivas. Esse é um exemplo do Brasil assumindo o papel de protagonista dentro do sistema internacional”, diz.

Márcio Coimbra, presidente do Instituto Monitor da Democracia e Vice-Presidente da

Associação Brasileira de Relações Institucionais e Governamentais (Abrig), reforça que, com a aproximação, Lula busca uma maior interlocução do Brasil com os países africanos e uma espécie de liderança podendo contar com seus respectivos apoios em fóruns globais. “Como são muitos países, a estratégia do Brasil é tentar angariar esse apoio e partir como uma liderança dentro dos países do chamados Sul”, observa.

Ele afirma ainda que o Brasil objetiva voltar a ocupar um espaço hoje loteado por países como a China e a Rússia.

“Entre os mandatos de Lula houve uma mudança geopolítica na África com interesses da China e da Rússia repousando de forma definitiva no continente. O Brasil não se move mais livremente

nesse xadrez político africano. Se o Brasil não souber jogar em conjunto, pode, sim, sair desgastado com a relação que possui com esses dois países, em especial a China, que tem feito muitos investimentos na região”, pondera.

Segundo plano

Os temas bilaterais, comerciais e econômicos ficaram em segundo plano, defende o presidente do Instituto de Relações Internacionais e Comércio Exterior (Irice) e ex-embaixador do Brasil em Londres e em Washington, Rubens Barbosa.

“Lula preferiu reiterar as posições públicas de seu governo sobre a guerra em Gaza, reforma da governança global e G20. As críticas à reação desproporcional e

inadmissível’ de Israel ao ataque terrorista do Hamas eram esperadas. Lula insistiu na criação dos dois Estados, política tradicional do Brasil. Na Liga Árabe, reiterou essas posições e disse que vai fazer novo aporte à agência da ONU que trata dos refugiados palestinos. Nada de novo. Se não anunciar propostas concretas de cooperação, vai perder uma oportunidade política relevante. É importante lembrar que Egito e Etiópia passaram a integrar o BRICS”, cita.

A professora de direito internacional da Universidade de São Paulo, Maristela Basso, ressalta que é momento de o Brasil explorar melhor as oportunidades de negócio.

“A África é um continente que precisa ser melhor explorado pelo empresariado brasileiro pelas oportunidades de negócio que oferece. O maior parceiro comercial da África hoje é a China, o que deixa o Brasil em desvantagem. A viagem de Lula é para recuperar o espaço perdido”, analisa.

Já Ricardo Mendes, da consultoria Prospectiva, reforça que, com o giro pela África, Lula fortalece a posição de que o Brasil não está alinhado ao mundo ocidental.

“Concretamente, o Brasil não tem nada a oferecer aos países africanos, apenas a sinalização de que os apoiam em fóruns multilaterais. Esse posicionamento fortalece a China e, em menor medida, a Rússia. A ausência de empresários na viagem mostra que o Brasil não tem nada a oferecer para esses países. Não estamos mais nos anos 1970, nem no começo do século 21. O Egito, em particular, está muito perto do olho do furacão no Oriente Médio. Grandes potências estão atuando com força lá. O Brasil não tem nada a contribuir”, opina.